



Edição Especial

VII Simpósio de Licenciaturas em Ciências Exatas e em Computação
Universidade Federal do Paraná – Pontal do Paraná (PR), 2025

DO PRESENCIAL AO REMOTO: O PAPEL DO PREVEC E DE SUAS REDES SOCIAIS NA CIBERCULTURA EDUCACIONAL

*FROM FACE-TO-FACE TO REMOTE: THE ROLE OF PREVEC AND ITS SOCIAL
NETWORKS IN EDUCATIONAL CYBERCULTURE*

Ana Paula Ramão da Silva¹
Luísa da Costa Mattos Silva²
Renato Francisco Merli³

Resumo

O Pré-Vestibular Comunitário (Prevec), projeto de extensão em funcionamento desde 2016 na Universidade Federal do Paraná — Setor Palotina, ampliou significativamente sua atuação a partir de 2020 ao adotar, além das aulas presenciais, transmissões remotas mediadas por redes sociais e plataformas digitais. Este artigo tem como objetivo analisar o potencial educativo dessas redes vinculadas ao Prevec, com destaque para a caracterização do público-alvo e para a avaliação do alcance e do engajamento de suas publicações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, apoiada em dados documentais coletados no período de janeiro de 2020 a julho de 2025 e complementada por estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo dialoga com aportes teóricos clássicos e contemporâneos sobre cibercultura, inteligência coletiva e cultura da participação, buscando compreender os alcances e os limites das práticas educativas

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Cascavel. Professora Efetiva da Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Palotina - Departamento de Educação, Ensino e Ciências.

² Bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

³ Doutor em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Cascavel. Professor Efetivo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Toledo - Coordenação da Matemática.

REPPE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procopio (PR), v. 9, n. 2, p. 166-185, 2025

ISSN: 2526-9542



digitais. Os resultados indicam que o público majoritário do Prevec é composto por mulheres jovens de 18 a 34 anos, grupo que confirma tendências nacionais de protagonismo feminino na educação superior. Revelam ainda que conteúdos de revisão e correção de exames atuam como gatilhos de engajamento, especialmente em períodos próximos aos vestibulares, mas que há queda significativa do alcance após o fim da pandemia de Covid-19. Conclui-se que as redes sociais se configuram como espaços potentes de democratização do conhecimento e de fortalecimento da inteligência coletiva, embora persistam desafios relacionados à sustentabilidade do engajamento e à inclusão de grupos historicamente marginalizados.

Palavras-chave: Cultura da participação; Democratização do conhecimento; Engajamento digital; Inclusão educacional; Inteligência coletiva.

Abstract

The Pré-Vestibular Comunitário (Prevec), an extension project in operation since 2016 at the Federal University of Paraná — Palotina Campus, significantly expanded its activities in 2020 by adopting, in addition to face-to-face classes, remote broadcasts mediated by social networks and digital platforms. This article aims to analyze the educational potential of these networks linked to Prevec, with emphasis on the characterization of its target audience and on the evaluation of the reach and engagement of its publications. The research follows a qualitative approach, with a descriptive and interpretative character, supported by documentary data collected between January 2020 and July 2025 and complemented by statistics from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The study draws on classical and contemporary theoretical contributions on cyberculture, collective intelligence, and participatory culture, seeking to understand the scope and limitations of digital educational practices. The results indicate that Prevec's main audience is composed of young women aged 18 to 34, a group that confirms national trends of female protagonism in higher education. They also reveal that exam review and correction materials function as engagement triggers, especially in periods close to university entrance exams, although a significant decline in reach has been observed after the end of the Covid-19 pandemic. It is concluded that social networks are configured as powerful spaces for the democratization of knowledge and for the strengthening of collective intelligence, although challenges remain regarding the sustainability of engagement and the inclusion of historically marginalized groups.

Keywords: Participatory culture; Knowledge democratization; Digital engagement; Educational inclusion; Collective intelligence.

Introdução

O Pré-Vestibular Comunitário (Prevec) é um projeto de extensão em desenvolvimento desde 2016 na Universidade Federal do Paraná (UFPR) — Setor Palotina. Sua criação decorreu da percepção de uma licencianda em Biologia sobre a ausência, na cidade de Palotina e região, de um cursinho gratuito voltado à preparação para vestibulares. Desde então, o projeto tem contado com a colaboração

de estudantes de cursos de licenciatura (Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Computação) e de bacharelados (Agronomia, Medicina Veterinária, Engenharia de Aquicultura, Engenharia de Energias e Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia). Com o passar dos anos, a rede de colaboradores expandiu-se, incorporando egressos, pós-graduandos e voluntários vinculados a outras instituições de ensino superior, como a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), além de participantes de diferentes regiões do estado e do país.

A partir de 2020, em decorrência da pandemia de Covid-19, o Prevec adotou o formato remoto, assegurando a continuidade das atividades pedagógicas. Essa modalidade, mesmo após o término das restrições sanitárias, foi mantida, ampliando o acesso dos estudantes por meio de aulas síncronas realizadas via Google Meet e transmitidas pelo canal do projeto no YouTube — o Canal do Prevec. Em julho de 2025, o canal contabilizava 6,69 mil inscritos, 954 vídeos publicados e 157.994 visualizações, dados que reforçam a relevância da cibercultura como mediadora de processos de ensino e aprendizagem contemporâneos.

Como observa Lévy (1999), a conexão em tempo real potencializa o compartilhamento democrático e horizontalizado de saberes e valores, contribuindo para a formação de uma inteligência coletiva orientada à construção de uma sociedade mais equitativa. No campo educacional, em especial no atendimento a jovens e adultos, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) emergem como aliadas na construção de trajetórias de aprendizagem personalizadas, autônomas e flexíveis (Moran, 2007), ao mesmo tempo em que favorecem a inclusão de sujeitos historicamente marginalizados do acesso a níveis mais elevados de escolarização.

Nessa perspectiva, as redes sociais não apenas cumprem funções de socialização, mas também se configuram como espaços de circulação de conteúdos educativos, em consonância com a análise de Santaella (2003), que identifica nas mídias digitais a capacidade de reconfigurar processos pedagógicos. Assim, o Prevec consolidou o uso de plataformas como YouTube, Instagram e Facebook não só para a divulgação de suas atividades, mas também para a difusão de aulas e materiais educativos em formato remoto.

Diante do exposto, este artigo — versão revisada e ampliada do trabalho anteriormente apresentado no VII Simpósio de Licenciaturas em Ciências Exatas e

em Computação (VII SLEC) — tem como objetivo analisar o potencial educativo das redes sociais vinculadas ao Prevec, com ênfase na caracterização de seu público-alvo e na avaliação do alcance de suas publicações. A pesquisa possui natureza qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, fundamentando-se em dados documentais coletados nas plataformas digitais do projeto entre janeiro de 2020 e julho de 2025. A análise busca refletir criticamente sobre as potencialidades e os limites da modalidade remota, bem como sobre o papel do Prevec na democratização do acesso ao conhecimento e na promoção do engajamento educacional em contextos mediados pela cibercultura.

Prevec Remoto – o alinhavado das redes sociais

Com a paralisação das atividades presenciais em razão do isolamento social, a modalidade remota do Prevec, implementada em 2020, revelou novas possibilidades de processos educativos mediados pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Esse cenário evidenciou a relevância das redes sociais como espaços de potencial educativo. Nesta seção, são discutidos o papel do Prevec remoto, com ênfase no período pandêmico, o perfil predominante de seu público e a análise dos dados de engajamento nas redes sociais, considerando, em especial, o desafio de alcançar grupos sociais historicamente minoritários.

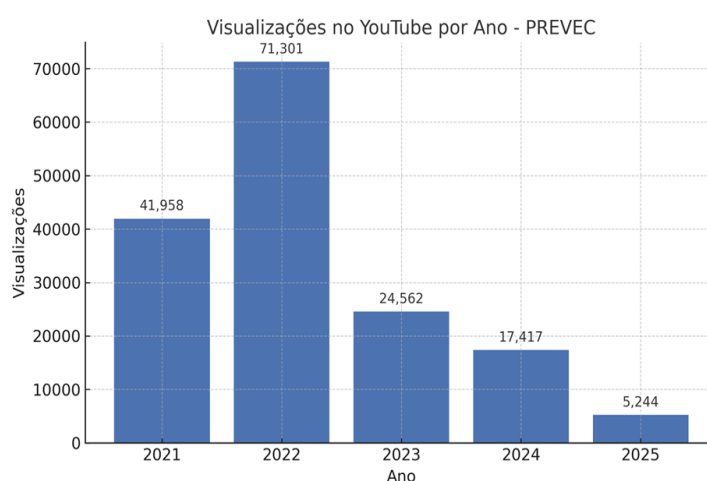
A relevância do Prevec Remoto na pandemia

O acesso do público às aulas transmitidas pelo Canal do Prevec no YouTube apresentou variações significativas ao longo do período analisado. Em 2021 observou-se um crescimento expressivo, seguido por um pico em 2022, quando o canal alcançou 71.301 visualizações — praticamente o dobro do registrado no ano anterior (41.958). Esse volume representou, sozinho, quase metade do total acumulado de visualizações até 2025 (43,8%). Contudo, nos anos subsequentes, a tendência foi de queda: 24.562 visualizações em 2023, 17.417 em 2024 e apenas 5.244 entre janeiro e julho de 2025 (Gráfico 1).

Esse fenômeno está diretamente relacionado ao contexto da pandemia de Covid-19, declarada Emergência de Saúde Pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, e encerrada oficialmente em maio de 2023.

O período de isolamento social intensificou a busca por alternativas digitais para a continuidade das práticas educativas. Como destacam Hodges *et al.* (2020), a transição abrupta para o ensino remoto emergencial levou instituições e professores a recorrerem, de maneira adaptativa, a plataformas digitais que viabilizassem a manutenção dos vínculos pedagógicos. No Brasil, essa reconfiguração reforçou o papel do YouTube como espaço de circulação de conteúdos didáticos, articulando ensino, interação e apoio emocional em meio à crise sanitária (Behar, 2020).

Gráfico 1: Visualização no YouTube em anos



Fonte: Autores

A intensificação do uso de vídeos no período pandêmico também se explica pela adaptação dos docentes, que passaram a produzir materiais próprios ou a recorrer a gravações explicativas como forma de complementar os conteúdos curriculares. Page e Paiva (2021) observam que, nesse processo, houve uma ruptura simbólica com a visão do vídeo como recurso secundário ou meramente recreativo, consolidando-o como ferramenta pedagógica legítima. Esse movimento dialoga com o que Moran (2015) já apontava sobre o potencial das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em tornar os processos de ensino mais interativos, dinâmicos e acessíveis, especialmente em contextos de desigualdade.

Os dados do Canal do Prevec reforçam essa tendência: 83,4% do tempo total de exibição ocorreu durante o período pandêmico, sendo 2021 o ano com a maior média de duração das visualizações. Esse dado sugere não apenas a busca imediata por alternativas de aprendizagem em um momento de crise, mas também o

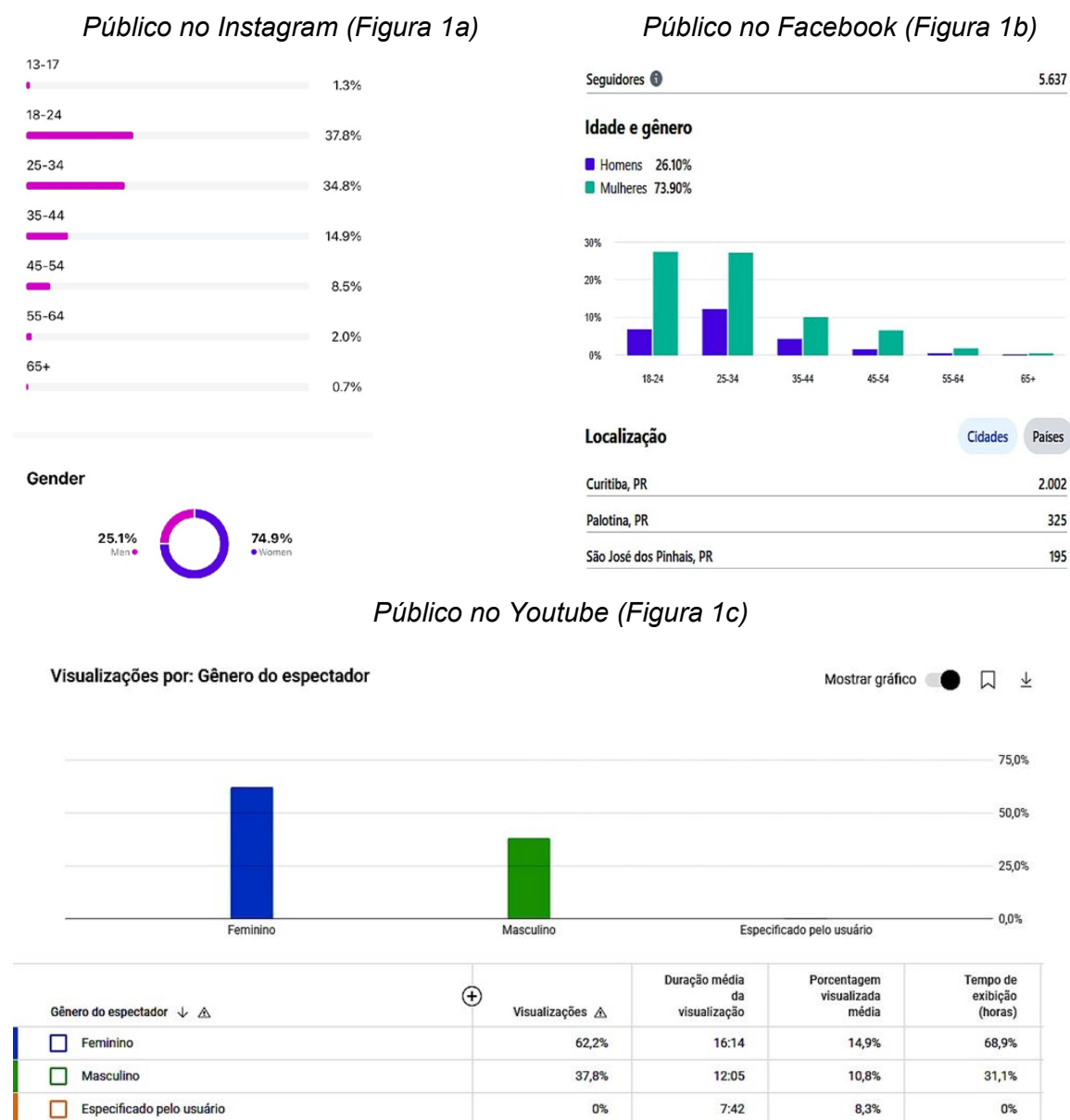
reconhecimento, por parte do público, da relevância de espaços digitais colaborativos. Como assinala Lévy (1999), as redes digitais favorecem a construção de uma inteligência coletiva, na qual os sujeitos se conectam, compartilham saberes e ampliam suas possibilidades formativas.

Em síntese, a experiência do Prevec remoto durante a pandemia evidencia o papel estratégico das plataformas digitais na democratização do acesso ao conhecimento em tempos de crise. Mais do que uma resposta emergencial, as práticas desenvolvidas nesse período consolidaram novas formas de engajamento educacional, revelando possibilidades e também limites de um modelo que, posteriormente, enfrentou o desafio de se sustentar em contextos não emergenciais.

Público do Prevec – predominância de mulheres jovens na faixa dos 20 e 30 anos

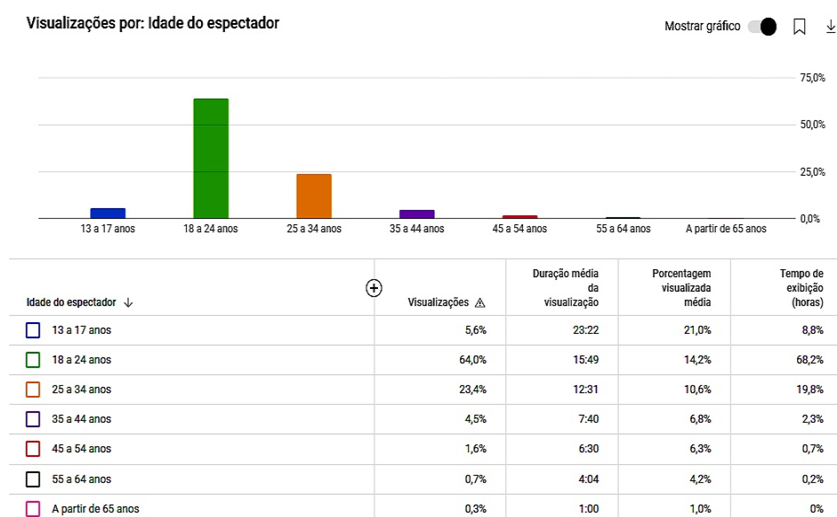
Em relação ao público, observa-se que os espectadores do YouTube, os seguidores do Instagram e os do Facebook são majoritariamente mulheres jovens, sobretudo na faixa de 18 a 24 anos. Na plataforma de vídeos, esse grupo representa 64% do total, seguido pela faixa etária de 25 a 34 anos, com 23,4%. Já no Instagram e no Facebook, essas duas faixas etárias aparecem equilibradas no topo do ranking: dos 18 aos 24 anos, 37,8% e 34,5%, respectivamente; e dos 25 aos 34 anos, 34,8% e 39,5%. Nas redes sociais Instagram e Facebook, o público feminino ultrapassa 70% do total, enquanto no YouTube o índice apresenta pequena redução, mantendo-se acima de 60% (Figura 1a, 1b e 1c).

Esses dados dialogam com o cenário nacional: segundo o IBGE (2025), na faixa etária de 18 a 24 anos as mulheres apresentam taxa de frequência escolar superior à dos homens (32,6% contra 28,1%). Em consonância, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em relatório analisado pelo IBGE Educa (2024), aponta que mulheres de 25 a 34 anos com ensino superior completo somam 27,2%, contra 19,5% entre os homens. Tais números evidenciam uma tendência consolidada de maior protagonismo feminino no acesso à educação superior, o que se reflete também nas redes sociais do Prevec.

Figura 1: Público do Prevec nas redes sociais

Fonte: Autores

Contudo, a análise das métricas de duração das visualizações revela nuances importantes. Embora a maior parte do tempo de exibição concentre-se no grupo de 18 a 34 anos (responsável por 88% do total), a faixa etária de 13 a 17 anos apresenta a maior duração média de visualização: 23 minutos e 22 segundos. Apesar de corresponder apenas a 5,6% do público, esse grupo demonstra maior permanência nos conteúdos, sinalizando um engajamento qualitativamente mais intenso (Gráfico 2). De acordo com Jenkins *et al.* (2009), esse comportamento está associado à “cultura da participação”, em que sujeitos mais jovens tendem a interagir e consumir conteúdos digitais de maneira recorrente e prolongada.

Gráfico 2: Visualizações no YOUTUBE: idade e tempo de visualização

Fonte: Autores

A predominância feminina identificada nas redes do Prevec também se relaciona com discussões sobre desigualdades estruturais. Rosenberg (2021) destaca que, apesar de apresentarem maiores índices de escolarização, as mulheres continuam enfrentando barreiras ligadas à inserção no mercado de trabalho e à divisão social do cuidado, o que as leva a buscar alternativas educacionais mais flexíveis e acessíveis. Nesse sentido, iniciativas como a do Prevec, ao disponibilizar conteúdos gratuitos em múltiplas plataformas digitais, constituem-se como espaços de ampliação do acesso e de enfrentamento das desigualdades educacionais.

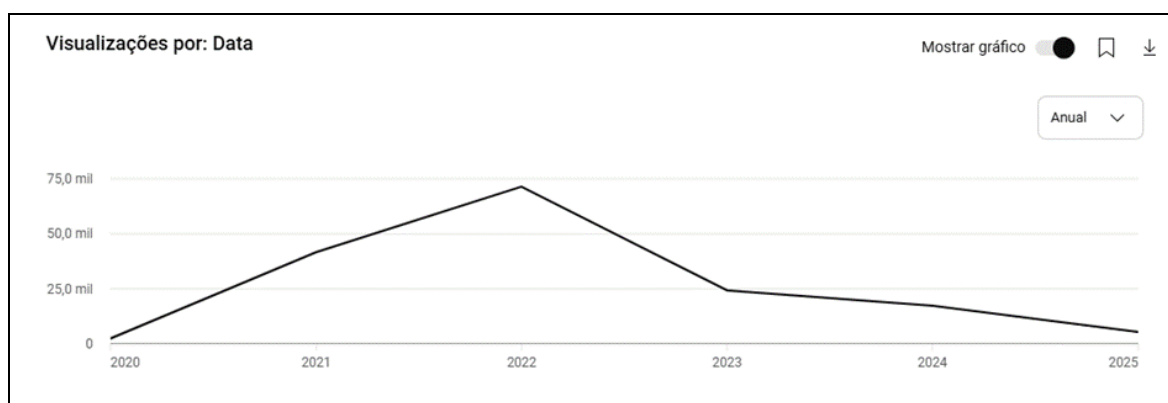
Por outro lado, persistem desafios para o alcance de grupos historicamente marginalizados, como comunidades quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência e populações em vulnerabilidade digital. Conforme argumentam Santos e Silveira (2022), a pandemia explicitou e agravou as desigualdades no acesso às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), mostrando que a democratização efetiva do conhecimento demanda não apenas oferta de conteúdos online, mas também políticas públicas de inclusão digital.

Dessa forma, o perfil identificado nos dados do Prevec — majoritariamente composto por mulheres jovens — reflete tendências educacionais mais amplas no Brasil, mas também evidencia a necessidade de ações complementares que visem ampliar a diversidade de seu público e fortalecer seu papel como agente de democratização do acesso ao ensino superior.

Números do YouTube: consolidação ou estagnação?

A evolução das visualizações no Canal do Prevec pode ser observada de forma mais ampla no recorte anual (Gráfico 3). Entre 2020 e 2022, há um crescimento contínuo e expressivo: de 2.502 visualizações em 2020, para 41.958 em 2021 e 71.301 em 2022. Esse último ano concentrou 43,8% do total acumulado de acessos, consolidando-se como o período de maior impacto. Entretanto, a partir de 2023 inicia-se uma trajetória descendente, com 24.562 visualizações em 2023, 17.417 em 2024 e apenas 5.244 até julho de 2025.

Gráfico 3: Visualização Youtube em anos



Fonte: Autores

Esse comportamento dialoga com a noção de ensino remoto emergencial (Hodges *et al.*, 2020), marcado pelo crescimento abrupto do consumo de conteúdos digitais durante a pandemia, seguido de retração com o retorno das aulas presenciais. Behar (2020) complementa que esse fenômeno evidencia o caráter transitório do uso intensivo das TDICs em contextos de crise, demandando estratégias de sustentabilidade digital no período pós-pandêmico.

A análise detalhada das métricas (Tabela 1) reforça esse quadro. Em 2021 e 2022, além do grande volume de visualizações, o tempo de exibição e a duração média das visualizações foram significativamente superiores, com médias de 14min47s e 14min06s, respectivamente. Esses indicadores sugerem que o público não apenas acessava os vídeos, mas os acompanhava de maneira consistente, revelando um engajamento qualitativo.

Tabela 1: Análise das métricas

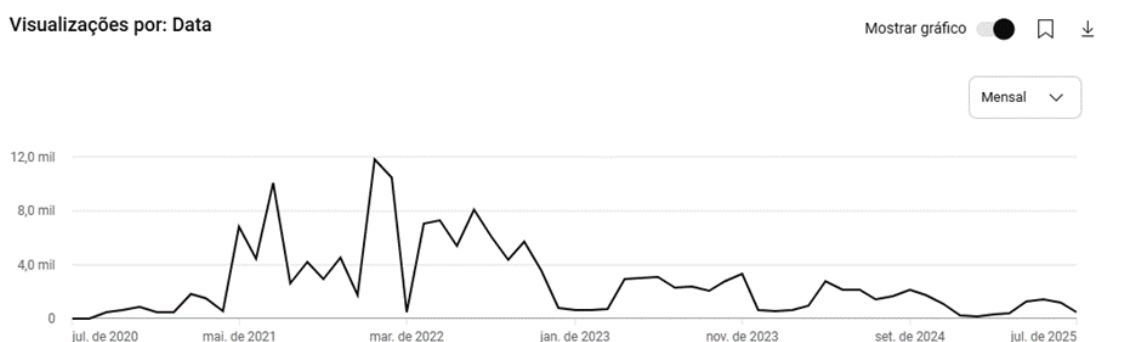
Data ↓	Visualizações ▲	Tempo de exibição (horas)	Duração média da visualização
Total	162.984	32.953,4	12:07
2025	5.244 3,2%	528,9 1,6%	6:04
2024	17.417 10,7%	1.701,1 5,2%	5:51
2023	24.562 15,1%	3.228,9 9,8%	7:53
2022	71.301 43,8%	16.769,8 50,9%	14:06
2021	41.958 25,7%	10.348,6 31,4%	14:47
2020	2.502 1,5%	376,1 1,1%	9:01

Fonte: Autores

Esse engajamento pode ser explicado pela demanda educacional reprimida durante o isolamento social. Como destaca Jenkins *et al.* (2009), a cultura da participação fortalece-se em contextos de alta conectividade, nos quais sujeitos buscam em comunidades digitais não apenas informação, mas pertencimento e interação. No caso do Prevec, a transmissão de aulas e revisões via YouTube representou uma oportunidade de ampliação do acesso, especialmente em um cenário de interrupção das aulas presenciais.

Ao se observar a série mensal (Gráfico 4), é possível identificar picos concentrados em 2021 e, sobretudo, em 2022, período que coincide com a retomada parcial das atividades presenciais e com a intensificação da preparação para vestibulares. Esses picos parecem responder a momentos de maior demanda por conteúdos específicos, como revisões e correções de provas, que geraram aumento expressivo e pontual do tráfego no canal.

Gráfico 4: Visualização da série mensal



Fonte: Autores

No entanto, a curva descendente entre 2023 e 2025 sugere a dificuldade de manter o mesmo nível de engajamento em um cenário pós-pandêmico. O desafio que se coloca, portanto, é transformar o que inicialmente foi resposta emergencial em prática consolidada, capaz de fidelizar o público e expandir o alcance a novos segmentos, inclusive grupos historicamente marginalizados. Como lembram Loureiro, Carvalho e Rodrigues (2024), a democratização efetiva exige mais do que disponibilizar conteúdos digitais: requer superar desigualdades estruturais de acesso, conectividade e letramento digital.

Assim, a trajetória do Canal do Prevec demonstra simultaneamente seu potencial e seus limites. Se por um lado confirma a relevância das redes sociais como espaços de circulação de saberes em contextos de crise, por outro aponta a necessidade de estratégias mais robustas e inclusivas para garantir sua sustentabilidade e relevância no longo prazo.

Números do YouTube: pistas sobre o engajamento

Em relação às redes sociais, é de extrema importância a promoção e manutenção do engajamento. Como colocado por Shirky (2008), novas formas de comunicação correspondem a uma nova sociedade, pois novas tecnologias habilitam novas formas de experiências coletivas. Nessas atividades anteriormente desenvolvidas por especialistas, em caráter privado, passam a ser realizadas de forma cooperativa, conectada, por um grupo de sujeitos com interesses em comum. Isso, de alguma forma, proporciona autonomia a esses sujeitos.

A emergência da cibercultura tem possibilitado novas formas de produção, circulação e apropriação do conhecimento, com destaque para a constituição da inteligência coletiva. Conforme define Lévy (1999), essa inteligência se expressa na capacidade de indivíduos estabelecerem relações de cooperação em tempo real, superando fronteiras geográficas, culturais ou institucionais, por meio de recursos tecnológicos que favorecem a construção horizontalizada de saberes, ideias e informações. Nesse sentido, as postagens realizadas no Canal do Prevec podem ser compreendidas como manifestações concretas dessa inteligência coletiva, na medida em que favorecem a interação, a troca de experiências e a cocriação de conteúdos entre sujeitos diversos, mediados por tecnologias digitais.

Essa perspectiva é corroborada por Hogan *et al.* (2025), ao argumentarem que a inteligência coletiva (CI) representa uma capacidade fundamental para que grupos humanos solucionem problemas comuns, sobretudo em contextos de crescente complexidade social e tecnológica. Segundo os autores, as tecnologias educacionais — quando orientadas por pedagogias colaborativas e dialógicas — podem potencializar significativamente o desenvolvimento da CI, especialmente quando integradas a práticas de aprendizagem baseadas em projetos. Tais práticas viabilizam formas diversas de comportamento coletivo, como o swarm behaviour, a stigmergy e a colaboração direta, permitindo o desenvolvimento de competências distribuídas entre os participantes e promovendo a construção de soluções em rede. À luz dessa abordagem, o Canal do Prevec se configura não apenas como repositório de conteúdos, mas como infraestrutura pedagógica que contribui para a formação de uma cultura de inteligência coletiva na educação.

Outros autores reforçam essa análise. Castells (2013) assinala que as redes digitais são hoje o espaço privilegiado de construção de significados coletivos e de mobilização social, de modo que iniciativas como o Prevec podem ser compreendidas como “redes de aprendizagem” que ampliam o acesso ao conhecimento. Jenkins, Purushotma, Clinton, Weigel e Robison (2009) enfatizam que a chamada cultura da participação promove a colaboração entre pares, deslocando o papel do aluno de mero consumidor para coprodutor de conteúdos. Nessa mesma linha, Ito *et al.* (2020) destacam que ecossistemas de aprendizagem mediados pelo digital permitem que jovens articulem interesses acadêmicos e pessoais em práticas criativas, ressignificando os modos de engajamento escolar. Além disso, Prensky (2001) já apontava que os chamados “nativos digitais” demandam práticas pedagógicas que incorporem o dinamismo das tecnologias, sob pena de perderem relevância diante de outros estímulos digitais.

Nos desdobramentos das questões aqui colocadas, é interessante refletir sobre as postagens mais prestigiadas do Canal do Prevec. Apesar de haver um número maior de espectadores durante a pandemia, o vídeo mais assistido foi publicado no dia 7 de junho de 2023. Intitulado “Aula de Matemática - Correção das questões do Vestibular de Inverno da UTFPR - 2023”, o conteúdo chegou a 3.769 visualizações — 2,8% do total do canal. Em seguida estão os vídeos “Revisão Biologia - 10.01.2022 - UFPR”, com 2.853 visualizações, e “Aula Revisão de Português - 06.07.2021”, com 2.376, ambos publicados em período pandêmico. A inferência

possível é de que vídeos de conteúdos de correção e revisão alcançam maior engajamento, muito provavelmente por serem disponibilizados em datas próximas aos exames vestibulares. Essa constatação é endossada pelos dados da Tabela 2.

Tabela 2: Top10 em conteúdo do Canal do Prevec

Visualizações por: Conteúdo

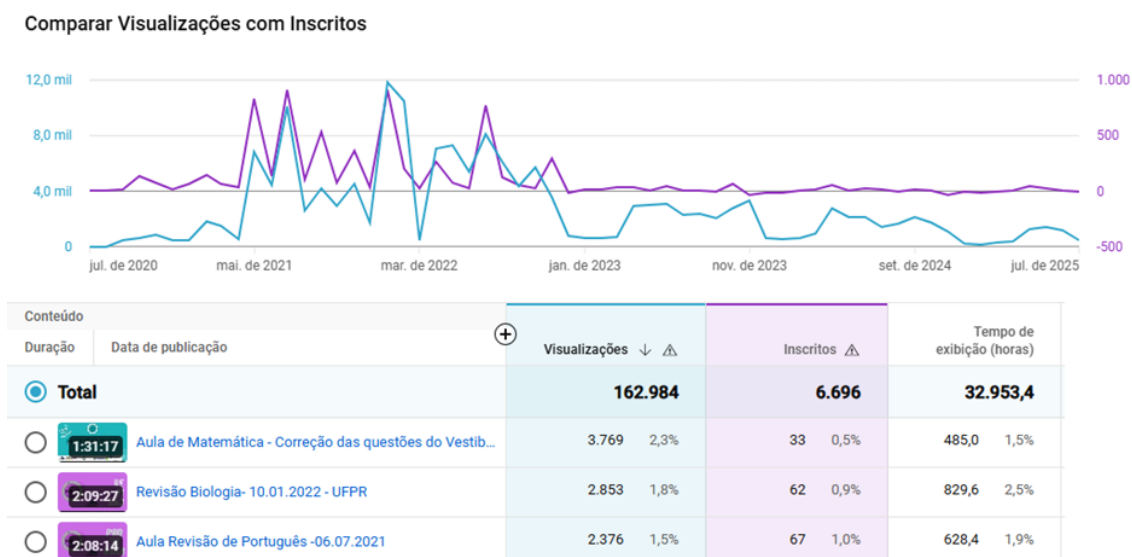
Conteúdo	Duração	Data de publicação	Visualizações	Impressões	Taxa de cliques de impressões	Duração média da visualização
 Aula de Matemática - Correção das questões do Vesti...	1:31:17		3.769 2,8%	20.280	10,6%	7:43
 Revisão Biologia- 10.01.2022 - UFPR	2:09:27		2.853 2,1%	16.120	1,8%	17:26
 Aula Revisão de Português -06.07.2021	2:08:14		2.376 1,8%	7.227	2,2%	15:52
 Geometrias - Revisão vestibular UFPR -11.01.2022	2:37:05		1.778 1,3%	7.979	2,8%	20:51
 Aula inaugural do Pré-vestibular Comunitário da UFPR	2:16:21		1.583 1,2%	19.475	4,3%	12:21
 Aula de Revisão - Física -07.07.2021	2:24:10		1.297 1,0%	1.024	1,5%	18:57
 História do Brasil Colônia - Revisão UFPR - 31.01.2022	2:59:04		1.181 0,9%	3.543	3,6%	17:15
 Aula de Química Orgânica -05.07.2021	1:43:13		1.158 0,9%	1.404	2,7%	13:38
 Aula de Matemática 01 - 12.04.2022 - Apresentação d...	1:55:51		1.107 0,8%	6.990	9,6%	18:32
 Grécia e Roma - Revisão UFPR História - 31.01.2022	2:33:26		1.029 0,8%	2.625	3,6%	12:38
 Revisão para o Vestibular da UFPR - Aula de Matemáti...	1:52:37		952 0,7%	9.991	6,3%	10:36

Fonte: Autores

Trata-se, portanto, de novas interações viabilizadas pelas tecnologias de comunicação e informação, que consubstanciam as ações da chamada inteligência coletiva (Lévy, 1999; Hogan *et al.*, 2025; Jenkins *et al.*, 2009). Essas práticas permitem que sujeitos busquem, em uma rede social, a preparação para os exames vestibulares, configurando uma reconfiguração dos processos educativos em alinhamento às funcionalidades das mídias digitais (Santaella, 2003). Quanto mais as postagens dialogam com demandas concretas — como simulados, revisões e correções —, maior é o engajamento, pois esse tipo de conteúdo se aproxima das necessidades imediatas do público e favorece a aprendizagem situada em contextos reais de avaliação.

A relação visualizações x número de inscritos

Os números relacionados às visualizações mostram que a quantidade na casa do milhar leva ao aumento de inscritos, o que, por sua vez, pode resultar em maior engajamento, como visto no Gráfico 5, que traz dados relacionados ao YouTube.

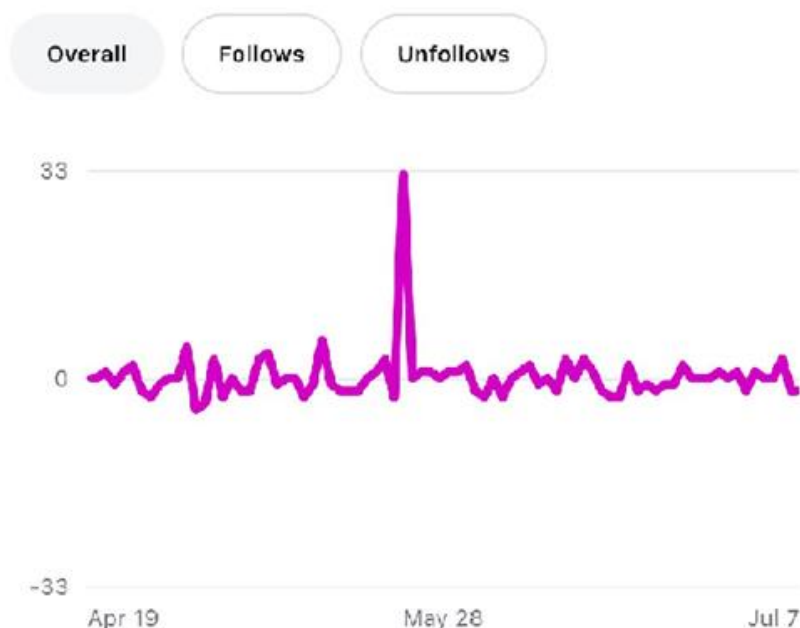
Gráfico 5: Youtube: visualizações X aumento de número de inscritos

Fonte: Autores

A partir destes dados, percebe-se que os espectadores do YouTube buscam um conteúdo específico e que, ao encontrá-lo, tendem a se fidelizar à rede social, por meio do recurso da inscrição. Esse comportamento reflete o que Shirky (2008) denomina de reorganização social mediada pelas tecnologias, na qual práticas individuais de consumo se transformam em dinâmicas coletivas de participação. De forma semelhante, Jenkins *et al.* (2009) ressaltam que a “cultura da participação” implica a transformação do espectador em sujeito ativo, que estabelece laços mais duradouros com os espaços digitais. No Instagram, o fenômeno segue o mesmo padrão (Gráfico 6).

Concomitante ao aumento de visualizações, observa-se um aumento no número de seguidores. Como mostra o Gráfico 7, no mesmo dia em que a publicação com maior visualização de 2025 foi postada, notou-se um aumento significativo no número de seguidores da página.

O reels — que mostrava ações práticas realizadas pelo projeto — recebeu 5.896 views, e, no mesmo dia, o projeto ganhou 33 novos seguidores. Além disso, entre as cinco publicações com maior alcance no Instagram, quatro contaram com um público majoritariamente não seguidor. A publicação com maior quantidade de visualizações — 13.025 — contou com 95,4% dos views vindos de pessoas que ainda não seguiam o Prevec no Instagram.

Gráfico 6: Seguidores do Instagram**Follower details**

Fonte: Autores

Gráfico 7: Instagram: publicação X views

Últimos 2 anos (16/07/23 - 16/07/25)					
Tipo de publicação	Story	Reels	Post	Post	Post
Publicação	Inscrições 2024	Prevec em ação	Inscrições 2025	Procura voluntário	Editais seleção 25
Views	13.025	5.896	3.721	3.047	2.663
Data	17/09/24	20/05/25	24/06/25	08/07/24	26/03/25
Views x Seguidores	95,4% não seguem 4,6% seguem	63% seguidores 37% não seguem	56% não seguem 44% seguidores	55,1% não seguem 44,9% seguidores	62,9% não seguem 37,1% seguidores

Fonte: Autores

Esses dados evidenciam o papel das redes sociais como espaços de circulação e descoberta de conteúdos, onde o engajamento inicial muitas vezes parte de usuários que não fazem parte da comunidade de seguidores, mas que, ao se identificarem com a proposta, podem ser convertidos em participantes ativos. Recuero (2014) argumenta que essa lógica está ligada às dinâmicas de capital social nas redes, em que a visibilidade e a reputação são fatores decisivos para a consolidação de laços. Boyd (2014) complementa que a lógica das networked publics cria ecossistemas em que a atenção se torna moeda fundamental, e o desafio das organizações é transformar picos de visibilidade em engajamento sustentado.

Outro aspecto relevante é o papel dos algoritmos na mediação do alcance das postagens. Tufekci (2015) demonstra como plataformas digitais não apenas distribuem conteúdos, mas também moldam padrões de engajamento ao privilegiar certos tipos de interação, como curtidas, compartilhamentos e comentários. Nesse sentido, o fato de a maioria das visualizações vir de não seguidores indica tanto o poder de alcance das ferramentas de recomendação das plataformas quanto a necessidade de estratégias para fidelizar esses usuários.

Assim, pode-se entender que as postagens do Prevec — em especial aquelas ligadas a revisões e correções de exames — atuam como “gatilhos de engajamento” capazes de atrair novos públicos. No entanto, a consolidação desse engajamento exige práticas contínuas de comunicação digital, de modo a transformar interações pontuais em vínculos duradouros. Esse processo está diretamente ligado ao que Santaella (2003) identifica como reconfiguração dos processos educativos pelas mídias digitais e ao que Hogan *et al.* (2025) denominam como potencialização da inteligência coletiva em contextos de aprendizagem colaborativa.

Conclusões e recomendações finais

Os resultados obtidos permitem afirmar que o Prevec, ao migrar para a modalidade remota em decorrência da pandemia de Covid-19, configurou-se como um caso exemplar daquilo que Moran (2015) define como reconfiguração dos processos educativos pela mediação tecnológica. As plataformas digitais, em especial o YouTube, não foram meros canais de transmissão de conteúdos, mas espaços de construção de significados coletivos, viabilizando a continuidade do ensino em um momento de crise sanitária e social. Essa constatação dialoga diretamente com o que Lévy (1999) denomina de “inteligência coletiva”, entendida como a capacidade de cooperação em rede, em tempo real, que transcende barreiras geográficas e institucionais.

O perfil predominante de mulheres jovens, majoritariamente na faixa dos 18 a 34 anos, confirma tendências identificadas por pesquisas do IBGE (2025) e relatórios da OCDE (2024), reforçando o protagonismo feminino na educação superior no Brasil. Contudo, também aponta para uma desigualdade estrutural: se por um lado o engajamento digital dessas mulheres mostra resiliência e busca ativa por oportunidades, por outro ainda persiste a dificuldade em alcançar grupos

historicamente marginalizados, como quilombolas, indígenas e sujeitos em vulnerabilidade digital (Santos; Silveira, 2022). Aqui se coloca o desafio de garantir que a democratização não seja apenas formal, mas material e efetiva, o que implica, segundo Castells (2013), enfrentar as assimetrias de acesso e de poder próprias da sociedade em rede.

Outro achado relevante diz respeito à dinâmica de engajamento: mais do que o número absoluto de visualizações, o tempo médio de exibição e a fidelização de seguidores constituem indicadores centrais. A recorrência com que vídeos de revisão e correção — publicados próximos às datas de exames vestibulares — alcançam picos de visualização confirma a tese de Jenkins *et al.* (2009) sobre a cultura da participação, segundo a qual os sujeitos digitais não consomem passivamente, mas engajam-se de modo seletivo e estratégico em conteúdos que dialogam com suas necessidades imediatas. Essa seletividade também encontra respaldo em Santaella (2003), para quem as mídias digitais transformam o próprio conceito de mediação pedagógica, exigindo que conteúdos sejam cada vez mais situados e contextualizados.

A queda no engajamento após o fim do período pandêmico evidencia o caráter contingente do crescimento digital do Prevec e suscita reflexões mais amplas sobre a sustentabilidade das práticas mediadas pelas redes. Tufekci (2015) adverte que as plataformas não apenas distribuem conteúdos, mas moldam comportamentos por meio de algoritmos que privilegiam interações específicas, tornando o engajamento dependente de lógicas comerciais. Assim, o Prevec enfrenta o desafio de consolidar estratégias que não dependam exclusivamente do “pico emergencial” da pandemia, mas que consigam transformar picos de audiência em comunidades de aprendizagem permanentes.

Por outro lado, é preciso reconhecer que os dados analisados também revelam a força das redes como catalisadoras de inovação pedagógica. Prensky (2001) já destacava que os “nativos digitais” demandam experiências formativas dinâmicas, que articulem a linguagem das tecnologias ao processo de aprendizagem. O caso do Prevec mostra que, quando esse diálogo se concretiza, há não apenas acesso à informação, mas também engajamento qualitativo e possibilidade de criação de vínculos formativos duradouros. Recuero (2014) complementa que esses vínculos configuram capital social digital, fundamental para a sustentação de redes de aprendizagem distribuídas.

Em síntese, o Prevec demonstrou a potência das redes sociais digitais como mediadoras da educação em tempos de crise, mas também revelou seus limites em contextos de normalidade. Seu futuro depende da capacidade de se constituir como espaço híbrido, em que práticas digitais e presenciais se articulem de modo a promover tanto a inclusão de sujeitos já engajados quanto a ampliação do alcance a grupos minoritários. Mais do que apenas manter uma presença online, o desafio é consolidar-se como ecossistema de aprendizagem em rede, em consonância com as perspectivas de inteligência coletiva (Lévy, 1999), sociedade em rede (Castells, 2013) e cultura da participação (Jenkins *et al.*, 2009). Dessa forma, o Prevec reafirma o papel das tecnologias digitais não apenas como ferramentas de mediação, mas como estruturantes de novas formas de aprender, ensinar e resistir às desigualdades educacionais no Brasil contemporâneo.

Referências

- BEHAR, P. A. Ensino remoto emergencial e educação a distância: aproximações e distanciamentos conceituais. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/52130>. Acesso em: 6 set. 2025.
- BOYD, Danah. **It's Complicated**: The Social Lives of Networked Teens. New Haven: Yale University Press, 2014.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DAMASCENO, G. P. M. RODRIGUES, T. G. RABELO, G. de A. O uso de dados pessoais pelo Twitter: *Big techs* e a formação de bolhas sociais e a submissão política da sociedade ao colonialismo de dados. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, v. 50, n. 01, jan.-jun. 2022. p. 297-317. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/67572>. Acesso em: 07 ago. 2025.
- HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 6 set. 2025.
- HOGAN, M. J.; BARTON, A.; TWINER, A.; JAMES, C.; AHMED, F.; CASEBOURNE, I.; WEGERIF, R. Education for collective intelligence. **Irish Educational Studies**, v. 44, n. 1, p. 137–166, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03323315.2023.2250309>. Acesso em: 07 ago. 2025.

IBGE. **Estatísticas de gênero** – indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 6 set. 2025.

IBGE EDUCA. **As mulheres do Brasil**. Disponível em:

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22052-as-mulheres-do-brasil.html>. Acesso em: 6 set. 2025.

ITO, Mizuko; GUTIÉRREZ, Kris; LIVINGSTONE, Sonia; PENUEL, Bill; RHODES, Jean; SALEN, Katie; SCHOR, Juliet; SEFTON-GREEN, Julian; WATKINS, S. Craig. **Connected Learning: An Agenda for Research and Design**. Irvine, CA: Digital Media and Learning Research Hub, 2013. Disponível em:

<https://www.dmlhub.net/publications/connected-learning-agenda-for-research-and-design>. Acesso em: 6 set. 2025.

JENKINS, Henry; PURUSHOTMA, Ravi; CLINTON, Katherine; WEIGEL, Margaret; ROBISON, Alice J. **Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century**. Cambridge, MA: MIT Press, 2009. Disponível em: <https://mitpress.mit.edu/9780262513623/confronting-the-challenges-of-participatory-culture/>. Acesso em: 6 set. 2025.

LÈVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOUREIRO, A.; CARVALHO, C.; RODRIGUES, M. d. O. Affirmative action for black, indigenous and quilombola students at a brazilian university. **Societies**, v. 14, n. 9, set. 2024. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2075-4698/14/9/189>. Acesso em: 07 ago. 2025.

MGN. **LGBTQIAPN+**: guia completo, significado e importância. Disponível em: <https://mgnconsultoria.com.br/lgbtqiapn/>. Acesso em 03 jun. 2025.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2015. p. 15-60.

PAGE, J. S. D.; PAIVA, D. C. de. Usando os vídeos do YouTube na pandemia: mudanças paradigmáticas no ensino de História. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 36, set. de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/36/usando-os-videos-do-youtube-na-pandemia-mudancas-paradigmaticas-no-ensino-de-historia>. Acesso em 15 jun. 2025.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 6 set. 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROSEMBERG, F. Desigualdades de gênero e acesso à educação superior no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 51, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147086>. Acesso em: 6 set. 2025.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, B. S.; SILVEIRA, L. Educação, desigualdades e pandemia: impactos e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270020>. Acesso em: 6 set. 2025.

SHIRKY, C. **Here comes everybody**: the power of organizing without organizations. New York: Penguin Press, 2008.

TIFFEKCI, Zeynep. Algorithmic harms beyond Facebook and Google: Emergent challenges of computational agency. **Colorado Technology Law Journal**, v. 13, n. 2, p. 203–218, 2015. Disponível em: <https://scholar.law.colorado.edu/ctlj/vol13/iss2/4>. Acesso em: 6 set. 2025.